

SABERES CULTURAIS E TRANSGERACIONAL DE MÃES/PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL – JUARA/MT.

TUCHINSKI, Carla Maria Fernandes ¹
COSTA, Claudia Borges da ²
TUCHINSKI, Renata Fernandes ³
NEVES, Silvana Salviano Santos⁴
COSTA, Denise Ferreira da⁵

6

Resumo

Os saberes são produzidos a partir das práticas sociais de grupos específicos, são valorizados por seus membros, mas podem não ter o mesmo reconhecimento por parte de grupos próximos. Os saberes estão na cotidianidade e fazem parte do mundo da vida, e tem como elemento importante as emoções e crenças que são construídas pelos conhecimentos transgeracionais. A pesquisa foi realizada com um grupo de 17 mães, professoras da Educação Infantil. E este recorte tem o objetivo de apresentar uma das questões norteadoras que se direciona acerca dos cuidados de mães/professoras no cuidado com os seus filhos e filhas. Utilizam de crenças? De que saberes? Os apontamentos nos levaram a universos culturais quase que incompreensíveis, um espaço em forma de caos que se organiza na crença, na cultura e na sabedoria popular das progenitoras. A presente pesquisa é de cunho qualitativo, acompanhada de história oral e narrativa, juntamente com rodas de debates. Os dados foram analisados nos aportes teóricos: Antunes (2006), Brandão (2003), Chudo (2009), Mello (1987). O resultado nos apontou que há um uso cultural de simpatias, benzeções, ervas medicinais, todos

¹ Técnica Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Cantinho Mágico, Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UNEMAT. Especialista em Educação Infantil Faculdade UNICID e Psicopedagogia com Ênfase na educação Especial pela Educação São Luiz. Carla_m_f_k@hotmail.com

² Professora na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Moraes, Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UNEMAT. Cursando Especialização em Educação Infantil pela Faculdade de Educação São Luís. claudianhn@hotmail.com

³Técnica Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Madre Paulina, Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UNEMAT. Especialista em Educação Infantil Faculdade UNICID e Psicopedagogia com Ênfase na educação Especial pela Educação São Luiz. Dumes_tuchinski@hotmail.com

⁴ Técnica Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Cantinho Mágico, Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UNEMAT. silvanasalviano@hotmail.com

⁵Professora na Creche Municipal Thayná Gabrielly de Oliveira Moraes. E-mail: denise_ferreira014@hotmail.com

advindos de conhecimentos transgeracional presente em grupos de mulheres, neste caso das docentes da Educação Infantil de uma escola de Juara-MT. Concluímos que os saberes da cotidianidade precisam ser dialetizados e fazer parte também dos processos educativos escolarizados, como escolas e formação de professores para que haja uma compreensão contextualizada e respeitável do mundo da cultura, das simpatias.

PALAVRAS-CHAVE: Saberes - Educação Infantil – simpatias

INTRODUÇÃO

Os saberes fazem parte de uma rede dialógica onde as pessoas aprendem nos grupos familiares e/ou em outros grupos que frequentam. Nessa perspectiva compreendo que as aprendizagens ocorrem em diferentes espaços, inclusive em meio às famílias e de modo especial neste artigo com as progenitoras, mulheres e professoras da educação Infantil que pela crença e ações do dia a dia produzem um diálogo significativo. É evidente que para que o diálogo entre os diferentes saberes se estabeleça é preciso que haja uma compreensão e valorização de que o que existe são educações.

Assim, mesmo partindo de um diálogo com docentes da educação Infantil, sabemos que a educação pode ocorrer onde não há escola, ou onde a escola não está - ela esta em toda parte dessas educadoras não estiveram ligadas apenas no referencial escola, todas as pessoas podem construir e aprender saberes e essa construção ocorre em diversos lugares como nos ensina Brandão (2003) dizendo ser processo em vários lugares e rói vários saberes. Tenho também a compreensão que mesmo que esses saberes não estão organizados na escola, estão na comunidade, na vida não escolar. Mas, por outro lado mesmo não estando diretamente na escola são utilizados por mães que são professoras e estas trabalham na Educação infantil. Entendo que é muito importante que a escola tenha tais conhecimentos para respeitá-los e entender o relacionamento do cuidados das mães para com os seus bebês.

A pesquisa teve como objetivo compreender a importância dos saberes populares, das simpatias, do uso de plantas medicinais na cultura e na utilização das mesmas pelas mães/professoras da Educação Infantil no cuidado com a vida dos recém-nascidos. Aqui, o objetivo é trazer a discussão sobre o uso das simpatias. Assim, considerando que o conhecimento transgeracional, deve ser continuado pela sociedade perguntamos: Será que as mães/professoras ainda acreditam em simpatias? Quais as

crenças e saberes populares que ainda persistem na cultura das mães/professoras em relação aos cuidados com os recém-nascidos?

Para a realização desta pesquisa utilizou-se a investigação bibliográfica com elemento teórico. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, para isso utilizei da história oral com entrevistas que aconteceram sequencialmente aos momentos de discussões coletivas com as participantes da pesquisa. Entendo que as entrevistas de história oral são tomadas como fontes para compreender realidades, costumes e culturas. A primeira etapa foi a pesquisa bibliográfica para compreender os assuntos abordados. Conforme Cerco, Bervian e da Silva (2007, p. 60), com esse tipo de pesquisa “[...] busca-se conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema” e ainda traz a possibilidade via oralidade de levantar costumes e fatos de determinados grupos. Juntou-se a história oral, as narrativas realizadas nos encontros das rodas de debates. O que estou denominando de roda de debate é denominado de grupo focal, segundo Gatti (2005) se caracteriza pela elaboração de um planejamento prévio, convites, formação da equipe, seleção do local e gravação. A equipe foi formada pelos próprios sujeitos da pesquisa, uma professora mais experiente auxiliou com algumas anotações, gravamos, mas, a condução do trabalho de forma geral ficou sob a responsabilidade da pesquisadora. Com esta metodologia as mães/professoras relataram crenças e saberes populares no cuidado com os seus bebês. Participaram da pesquisa 17 mães/professoras. Somaram 4 mães da idade entre 23 a 33 anos, 9 mães de 33 a 43, 3 mães de 43 a 53 neste grupo uma avó e no último grupo onde ficaram as mães de 53 a 63 anos de idade há apenas 1 mãe sendo esta já avó.

Para a análise foi feito a seleção dos depoimentos semelhantes uns aos outros e por fim selecionei somente respostas de algumas mães. Mas, todas contribuíram com reunião de saberes e produção deste artigo. São muitos saberes populares que as mães/professoras relataram. Quero dizer que a pesquisa mudou o meu modo de pensar de que não é somente as gerações anteriores que fizeram o uso de seus saberes nos cuidados com recém nascidos, de que professoras se afastam desses saberes, mas, diante da pesquisa podemos afirmar que gerações atuais e mães professoras fazem o uso desses saberes populares.

A partir de agora apresento alguns apontamentos dos saberes e do uso de simpatias.

Saberes populares: Crenças, simpatias, culturas e educações

Os saberes populares são aqueles constituídos na prática cotidiana de diferentes grupos sociais ou étnicos, eles são valorizados por aquele grupo e neste caso o grupo de que estamos falando se refere não a toda a família, mas, principalmente saberes produzidos e vividos por mães/professora, saberes de mulheres, saberes de progenitoras. Quero dizer que os saberes populares estão presentes na sociedade e estes são entendidos como imersos no mundo da cultura, ou das culturas. E o uso de simpatias e outras formas de cuidados com a saúde que se utilizam da fé ou crença não é usado somente por um grupo economicamente mais desfavorecido, mas, por diferentes grupos sociais. A utilização dessas práticas se justifica na crença. Assim

[...] o uso dos recursos baseados no saber popular envolve questões socioculturais. As informações são transmitidas no seio familiar, entre diferentes gerações, envolvendo não somente a transmissão de conhecimento, mas também características sociais (BARBOSA, 2003, p. 41)

Muitas vezes, as manifestações das culturas que fazem uso de simpatias, crenças e uso de algumas ervas medicinais não são bem aceitas socialmente, porque há um predomínio da razão, da ciência, e, tais manifestações não estão inclusas nessa organização de pensamento. Assim, essas manifestações ou foram esquecidas e/ou rejeitadas diante da discriminação sofrida, ou camufladas. Camufladas no sentido de que está aí presentes na cotidianidade, mas de maneira escondida. Por outro lado, é preciso salientar que o uso das ervas medicinais não pode ser algo feito de maneira indiscriminada.

Antigamente a utilização era e muitas vezes ainda é feita sem considerar efeitos colaterais e hipersensibilidade a determinada erva entre uma e outra pessoa. É preciso acolher a sabedoria popular, pois há nela informações, vivências que foram experimentadas por muitas gerações. No entanto, é também importante que as academias se atentem para esses saberes não como forma de rechaça-los, mas para junto a esses grupos melhor entender, aprender e utilizar-se dos mecanismos tecnológicos, químicos, físicos e farmacológicos no sentido de produzir e beneficiar as populações.

Não se podem assumir práticas etnocêntricas, que desmereçam tais conhecimentos, mas é importante que os saberes populares e os cuidados maternos sejam evidenciados e sejam tomados como significativos.

Para Rocha (1992) quando há um desmerecimento dos saberes populares, criam-se comportamentos etnocêntricos, que são sentimentos de superioridade, então, o outro é sempre inferior ou esta em uma escala de civilidade atrasada e não científica, sem progresso.

O etnocentrismo esta colocado em sentimentos fortes como o reforço da identidade do “eu”. Possui, no caso particular da nossa sociedade ocidental, aliados poderosos. Para uma sociedade que tem poder de vida e morte sobre muitas outras, o etnocentrismo se conjuga com a lógica do progresso, com a ideologia da conquista, com o desejo da riqueza, com a crença num estilo de vida que exclui a diferença (ROCHA, 1992, p.75-76)

Esta discussão toma a direção da cultura, do uso dessas ervas e simpatias. Nesse sentido, o que esta em evidencia são os comportamentos relacionados principalmente na crença e no sistema oral das transmissões desses saberes, que tem como pilar a crença. Então, compreendo que a prática desses saberes populares é cultural porque dissemina costumes e hábitos que estão presentes no grupo das progenitoras sobre o uso das ervas e das simpatias.

Assim, para entender a cultura é preciso compreendê-la como polissêmica com vários sentidos e ainda é pluricultural reunindo diferentes grupos. Neste caso assumo a cultura dentro da perspectiva da tradição, dos costumes e da transmissão oral e transgeracional dos saberes populares das mulheres no cuidado com os bebês.

Pode-se dizer que o grupo que detém conhecimentos populares e os vive em sua cotidianidade, por conta dessas ideias etnocêntricas e as vezes por medo de não serem aceitos socialmente, ou ainda por medo de cair em descrédito pouco comentam sobre tais práticas e esses saberes vão sendo transmitidos numa rede de silêncio, reformulando, associando a novos fatores e resistindo a sobrevivência da matriz daquele saber, a crença. Esses saberes são lembrados como um saber adquirido das gerações anteriores. Portanto, um saber cultural.

Esses saberes não fazem parte do universo da educação escolar. Talvez este grupo institucional seja um dos veiculadores mais ferozes no sentido de afastar os saberes que estão disseminados nas comunidades e nos grupos étnicos. E isso é porque a escola atende a organização dos conhecimentos científicos. Mas, fazem parte da

educação que é feita no seio familiar. Não estamos afirmando, mas levantando alguns questionamentos: Não seria a escola o lugar do apagamento desses saberes? Não deveria ser ela instrumento da aproximação dos diversos saberes e/ou conhecimentos?

Esses ensinamentos e aprendizagens que estão fora da escola, adquiridos por grupos, através das gerações, são saberes que pertencem à comunidade, ao povo em geral. Eles são organizados não como os da escola, mas têm regras e formas de serem vividos. (TUCHINSKI, 2011. 27)

Não podemos desrespeitar as diferentes manifestações culturais de cada grupo, pois possuem experiências e histórias diferenciadas que são transferidas para outras pessoas, e outras gerações. Essas aprendizagens são educações, e, acreditamos que a educação esta em todos os lugares e não somente nas escolas. Para Brandão (2003) a educação como algo que acontece em vários espaços sociais colocando esse processo como ação que constrói vários saberes.

Com isso queremos dizer que os saberes que estão inseridos nas comunidades, são importantes e são crenças. São educações organizadas e que serve para a necessidade daquele grupo. É nesta perspectiva que se insere os saberes populares das progenitoras, saberes composto por crenças e simpatias.

Assim, pertencem a grupos afins e neste caso ao grupo das progenitoras, mães e avós/professoras. Durante a pesquisa as progenitoras relataram que é comum nos recém-nascidos alguns males que são próprios da idade porque se repetem com quase todos eles, e disseram sobre o soluço, as cólicas, o quebranto, o susto que ocorre muito com os recém-nascidos.

Nas narrativas das mães/professoras ficou evidente que sempre há algum remédio caseiro, alguma simpatia ou mesmo a busca de benzedeiros e mesmo procura médica, mas, denunciou nos diálogos uma crença nos saberes populares. E estes são compreendidos como importantes na vida cotidiana dessas mulheres. Interessante perceber que as mulheres que trabalham na educação infantil apresentam um universo cultural recheado de saberes que muitas vezes são compreendidos como um saber contrário, ou um não saber dentro do universo escolar educacional.

Cabe considerar que esta pesquisa implica na construção de uma maneira de pensar e mesmo de aumentar dúvidas e questionamentos, no sentido de refletir sobre a diferença que são colocadas nos saberes, de entender que as manifestações culturais e as práticas de cuidados com os bebês foram construídas num sistema de rede

transgeracional, no mundo da experiência, e, que mesmo que haja na atualidade orientações “científicas” há uma persistência nesta forma de cuidar.

È uma educação significativa e transgeracional, porém, questiono porque ainda hoje não há praticamente nenhuma discussão nesse sentido dentro do currículo da formação de professores, pois, educadores se deparam todos os dias com situações culturais diferenciadas em sua sala de aula. Há uma relevância na Universidade acerca dos conhecimentos da psicologia da aprendizagem, sociologia e outras disciplinas, mas pouco refletimos a temática dos saberes populares, saúde considerando a cultura e os saberes de mães, família e mesmo das professoras, de todo o grupo que trabalha com esse contexto.

Considerando a roda de debate procuramos saber se as mães/professoras sujeitas desta investigação praticavam o uso de simpatias, em que acreditavam e se utilizavam ervas medicinais. Foi um momento significativo, e as mães/professoras buscaram em suas memórias, momentos vivenciados e praticados, na busca de simpatias no cuidado com os seus bebês.

Havia uma hipótese que as mães/professoras mais jovens não mais utilizavam e nem acreditavam neste tipo de saber popular, mas, as respostas foram as mais variadas possíveis, assim: havia mães que não acreditavam em simpatias (menor número); mães que recorriam sempre a benzimento (ação comum de crença entre as mães).

A grande maioria das progenitoras disse já ter utilizado de simpatias para com seus bebês. Entre as simpatias mais comuns estavam as que facilitavam o nascimento de dentes dos bebês e o uso da linha vermelha para controle do soluço. Os momentos de roda de debate foram sempre muito alegres com risos e bastante soltos.

Antes de apresentar algumas simpatias, preciso defini-la. Para as progenitoras são forças espirituais que ritualizadas ajudam nos cuidados com os bebês. Para o dicionário eletrônico Houaiss, no regionalismo brasileiro, é uma ação praticada supersticiosamente com finalidade de conseguir algo que se deseja. Pode-se falar que a simpatia é uma manifestação cultural e que habita o mundo da crença.

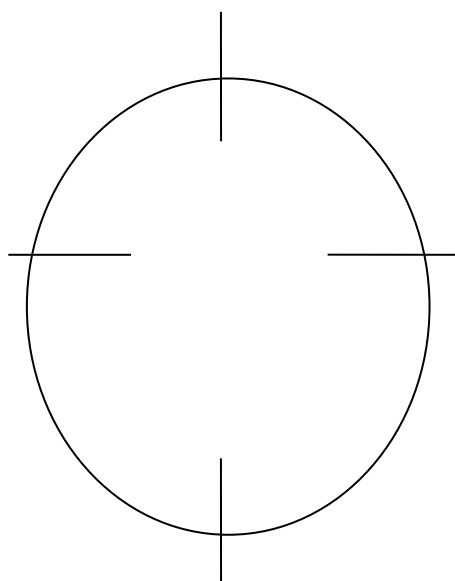
È importante salientar que quase sempre as simpatias estão associadas aos remédios caseiros, conforme relato abaixo. A mãe relatou que para que o bebê não fique tão enjoado com o nascimento dos dentes é preciso preparar esse momento. Quando se observa que o bebê está ficando muito enjoado e que baba bastante é ora de preparar a

simpatia para acalmá-lo. nove (09) folhas de laranjeiras e 9 palito, pegar os palitos e desenhar uma boca na folha com eles , em seguida pegar as folhas de laranjeiras e fazer o chá e dar para o bebê, esta simpatia pode ser feita a qualquer hora e dia em forma de boca e faz o chá; e chá de picão para dar banho no bebê.(23 anos mãe)

Outra simpatia que foi bastante comum e que é utilizada imediatamente quando a criança esta com soluços é a linha vermelha, a mesma é colocada na testa do bebê e segundo relatos das mães em poucos minutos essa manifestação biológica repetida que atrapalha a respiração do bebê para.

Quando um bebê está demorando muito para andar também é preciso fazer simpatia para auxiliá-lo a ter forças nas pernas. Esta simpatia deve ser feita em três sextas-feiras, e não pode ser após as 18h00min horas, ou seja, sempre antes do sol se por.

Em três sexta feira antes das seis horas da tarde, a mãe deve pegar três ramos de batata doce e trançar essas ramas e fazer uma ródia e põem do chão, em seguida coloca a criança e a senta dentro dessa ródia. Depois pega uma tesoura e corte essa ródia de rama que a criança esta dentro em forma de cruz. Após realizar esta simpatia pegar esta ródia e pendurar em algum lugar e deixar secar.



(Mãe K 55 anos (Avó)

Analisando as respostas das mães (A e K) pude observar que a utilização de simpatias nestes casos apresentados foram para agilizar o nascimento de dentes, para que a criança andasse ou mesmo para que parasse o soluço, ou seja, as simpatias serviram para acelerar alguns processos biológicos naturais. Mas, também nos relataram que existem outras simpatias que tem o poder de cura, que isso vem de crenças familiares e saberes que é aquele conhecimento apreendido através das gerações. São processos culturais geralmente com uma força muito grande na oralidade.

Existem diversos processos culturais ou sócio-culturais. A ênfase vai em primeiro lugar para a comunicação, graças a quem a cultura é transferida de um indivíduo a outro, de uma geração a outra. Através da interiorização das práticas, dos conhecimentos e dos valores que ele recebe, o indivíduo torna-se uma pessoa, com uma identidade pessoal e social. Graças à cultura, o homem torna-se um ser social. (SERPA & CLAVAL, 2008 p.26).

Há junto as simpatias uma religiosidade muito forte nas narrativas das mães, por exemplo, a mãe (Q) nos relata em tons fervorosos que devemos rezar pela saúde dos filhos. Segundo ela Deus está em primeiro lugar e que antes as pessoas acreditavam em simpatias, mas nos dias atuais não acreditam mais e por isso procuram o tempo todo por remédios. Era antigamente que as pessoas se apegavam em simpatias, mas na realidade era a fé em Deus.

Rezar pela saúde de seu filho... Deus em primeiro... as pessoas de hoje não acreditam em simpatias, pois tomam remédios antes, durante e após o nascimento do bebê. Acreditam que os médicos curam... Como antigamente não havia médicos se apegavam em simpatias que na realidade era a fé que DEUS esta ali... Isso cura (Mãe Q 35 anos)

Verificando a resposta da mãe(Q) utilizamos Nery (s/d) que diz de que a oração é o alimento da alma e com as orações ficamos cada vez mais perto de Deus, com as orações qualquer um pode obter a graça, porque Deus esta presente em todos os corações e seres humanos. Assim:

A oração é o alimento da alma. Através dela, a alma se fortalece e fica mais próxima de Deus. Na religiosidade popular, quem trata o doente

são os benzedores, mas qualquer cura é uma obra de Deus, pois foi “o próprio Jesus quem ensinou as orações.” Boa parte delas serve para curar doenças. (NERY, p.3. s/d)

As mães trouxeram consigo saberes, através das práticas e ensinamentos que eram apreendidos em família. *Esta simpatia é para organizar o sono do bebê, assim, quando o bebê dorme somente no período do dia e a noite fica acordada, só basta colocar a criança para dormir nos pés da cama* (Mãe N, 42 anos) . Ou seja, inverter a posição da criança na cama também inverte o horário da organização biológica do ato de dormir. Continuou relatando que existem muitas coisas simples que podem fazer com que a vida do bebê seja melhor, como por exemplo, *Colocar um fiozinho vermelho na testa para parar o soluço... Por meias nos pés para não resfriar...*(Mãe N, 42 anos). Há uma mistura da simpatia com outros cuidados de aquecimento, quando a mãe N diz que colocar meias nos pés não dá resfriado. Sabe-se que o resfriado é causado por uma infecção das vias respiratórias. De acordo com Prado (2012) é uma doença comum na infância, causada quase que exclusivamente por vírus. Assim, a friagem não causa o resfriado, mas é certo que esses microorganismos estão mais ativos no inverno. Então, se os microorganismos estão mais ativos neste período quando o ar está seco é realmente aconselhável proteger a criança.

Os saberes são transferidos através das gerações e todas as gerações podem fazer mudanças em seus saberes. Mas a pesquisa tem demonstrado que as simpatias estão presentes na cotidianidade dessas mulheres. A Mãe (O) contou que fez o uso da fita vermelha no braço do recém-nascido para que este não ficasse com quebranto. Afinal de contas o quebranto é uma espécie de mau olhado ou inveja que pode ser colocado por várias pessoas no bebê, quando o admira muito, mas, o uso da fita vermelha no braço afasta esses sentimentos não deixando atingir o bebê. Também nos contou que é preciso *colocar a roupa no recém-nascido ao avesso, para o mesmo não trocar a noite pelo dia.* (Mãe O 26 anos)”. Pude analisar que cada grupo possui a sua crença e seus saberes, a mãe (N) e a mãe (O) falaram do mesmo assunto, mas com saberes diferenciados.

Todo o ser humano traz consigo algum, conhecimento e são identidades e saberes diferenciados, cada ação do ser humano é resultado do meio cultural, sendo um herdeiro de grandes experiências adquiridas pelas gerações para estarmos aprofundando no assunto utilizamos Laraia (2005):

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o

conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2005, p.45).

As experiências adquiridas no mundo da cultura é resultado do meio em que se vive, e, há uma forte crença no poder do uso das simpatias. Durante a roda de debate as mães disseram que o soluço e o susto ocorre muito com os recém-nascidos. E neste momento as mães falavam quase todas ao mesmo tempo, queria expressar histórias em que a criança começou a assustar e em quais horários e clima era mais comum os recém-nascidos terem soluço. Diziam que o soluço era meio biológico, mas que o susto com certeza estava relacionado a uma fraqueza de espírito do bebê, causado por algum mau olhado. Então, no auge das discussões e diálogos das progenitoras inserimos algumas perguntas, uma delas: O que as mães fazem quando o recém-nascido esta com o soluço ou apresenta característica do susto.

Observei nas narrativas da roda de debate uma diversidade de respostas. Mães nos relatou que o soluço ocorre pelo fato das crianças estarem com *os pés frios e para que o soluço pare, é, só aquecer os pés da criança, colocando-se meia* (Mãe E) Houve respostas explicando que o soluço também *ocorre porque a criança mamou demais e para passar é preciso de que a criança mame mais um pouco* (Mãe A).

De acordo com a resposta da (Mãe E) e a (Mãe A), nos vem a mente uma frase de Paulo Freire que nos diz que “Não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes.” Queremos dizer que cada mãe possui os seus saberes podendo ser saberes diferenciados e não deixando perder as suas origens.

Como complemento as respostas da causa do soluço outras mães no diálogo que havia estabelecido com o grupo de progenitoras acrescentaram *que soluço é fácil de curar, é só colocar uma bolinha de linha vermelha na testa, ou dar um pouquinho de água para o bebê beber.* (Mãe H). Ouvi relatos que falaram de um tempo de ser mãe quando os filhos eram recém-nascidos. *Quando os meus filhos eram bebê, tinham soluço... Eu colocava um filhinho de linha vermelha na testa da criança e o soluço parava.* Mãe K). Trata-se de um depoimento afirmativo de que o uso da linha vermelha dá certo, ou seja, funciona. E além de identificar nas falas das progenitoras as causas, e o ‘tratamento’ há uma confirmação de ser uma simpatia. *A criança esta com frio... então*

coloca um fio de linha da roupa da criança molhada na saliva da mãe grudando na testa da criança... Isso é simpatia. (Mãe Q). São saberes transgeracionais passados de uma geração a outra e de mulher para mulher. Minha mãe me ensinou pegar um pedacinho de linha, molhar e colocar na testa do bebê (Mãe J).

Aparentemente o soluço, é compreendido na maioria das vezes pelas progenitoras como um evento ligado as questões biológicas. Há uma compreensão de que esse ato liga-se propriamente dito ao ato de amamentar a um funcionamento ou a uma desorganização do funcionamento biológico do bebê que após ser estimulado com movimentos de mamadas, de sucção do seio materno entra novamente em estado organizado e funciona normalmente. Também é compreendido como um evento resultante de friagens por qual o recém-nascido esta passando, ai é preciso aquecê-lo.

Por outro lado, o soluço também faz uma associação a interpretação cultural e recorre-se ao uso de simpatias como: fios vermelhos ou outros objetos desta natureza que estão associados com o “colar na testa”. Analisando as respostas obtidas das progenitoras (H), (K), (Q), (J) elas recorreram a simpatias. Conforme RIOS (2010) a simpatia é “Tendência natural para uma coisa”.

Sentindo que havia sido esgotado o diálogo sobre o soluço do bebê, na sequência foi questionado: O que as mães fazem quando o recém-nascido apresenta a característica do susto: E o que é o susto?

Quero esclarecer que o susto do qual falamos não é resultado do acontecimento momentâneo, mas, o ato de assustar repetitivamente. As mães disseram que o bebê muitas vezes esta dormindo e acordo em pranto assustado, ou esta no colo se estremece com um semblante assustado e as mães sabem como é esse susto. *Ele é diferente e não dá sossego ao bebê (Mãe E).Susto cura só com benzimento... (Mãe H).Susto... só com proteção da mãe. A criança sente desprotegida é só aconchegar no colo dar muito carinho, amor, segurança para o bebê... (Mãe Q)*

O susto, sempre é seguido na fala das progenitoras com pausas, com apresentação de um semblante que busca no incompreensível alguma compreensão e ai, as respostas são o benzimento, a proteção. É como se ao falarmos do susto, do recém-nascido assustado entrássemos em outro universo que sequer as mães e avós o compreendiam e o socorro neste caso é Deus. O sentimento foi de um espaço impenetrado, cuidado e separado do real.

Quando as mães relatam sobre o susto nos vem à mente Rios (2010) nos diz que o “Susto são medos repentinos”. No que se referem ao susto, as compreensão não fazem nenhuma associação biológica, mas sobrenatural. Quando a Mãe (Q) nos diz que a criança com susto se sente desprotegida e que é necessário dar carinho, amor, compreendo que a mesma expressa que a afetividade é um elemento essencial para a vida dos seres humanos e para a proteção ao bebê. É uma crença de que o amor pode afastar o que é inexplicável.

Assim, é necessário que a família compreenda que o afeto é fundamental para o desenvolvimento e a formação do bebê, inclusive nesses momentos interpretados pela presença do sobrenatural. E preciso entender que o afeto é uma forma de comunicação e este significa as ações do bebê.

O recém-nascido não tem ainda outras formas de se comunicar com o outro, que não pela emoção. Cada movimento, cada expressão corporal dessa criança, acaba por receber um significado, atribuído pelo outro, significado esse do qual a criança se apropria. Ao receber a atenção que necessita vai construindo os significados de cada ação sua. Quando o bebê tem fome, ele chora; e a mãe, ao ouvir seu choro, o alimenta. Essa relação de causa e efeito, de significante e significado, proporciona uma inter-relação entre eu e o outro. Nesse sentido, podemos afirmar que o que a afetividade humana busca é uma relação com o outro: um diálogo, uma permuta. (ALENCASTRO, 2009 p.15)

Compreendemos que o afeto é algo fundamental na relação adulto/bebê. Mas ao se tratar do o susto do recém-nascido, identificamos que o mesmo assusta as progenitoras a tal ponto de produzir silêncios e caracterizações do incompreensível. E o apelo esta no amor, na proteção... Sentimentos também tão sobrenaturais e fortes quanto o próprio susto porque proteger vai além do biológico e é nutrido pelo que percebemos por um apego que ultrapassa o mundo biológico.

Esses saberes, segundo as progenitoras foram apreendidas com seus familiares e comunidade, são conhecimento e crenças passadas de geração em geração. Pude observar no decorrer da pesquisa e pelas narrativas dos saberes culturais das mães que estes foram apreendidos com seus familiares através das gerações anteriores. Que o universo do cuidado destas com os seus bebês é um universo cultural que se associa a ervas medicinais e crença. São conhecimentos significados pela oralidade e pela vivência dessas mães. As simpatias foram sendo contadas nas rodas de debates com um tom também de aconselhamento. Para que funcione é preciso acreditar. Relataram que

não só apenas sabem, mas, fazem uso dessas práticas e acreditam nelas por isso funciona. Assim, as simpatias são saberes populares que têm como elemento de sustentação a crença. Essa crença é constituída pela educação que ocorre na oralidade e de forma transgeracional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo ser humano é participante de um grupo cultural, e, faz parte e sustenta esses grupos saberes que estão na vivência e na memória das pessoas. Ou seja, os saberes são conhecimentos que foram produzidos por várias gerações. São saberes acumulados nas memórias, nas vidas, nos sentimentos e nas maneiras de valorizar e significar o mundo.

Para finalizar discuto em torno dos saberes populares, e da dualidade entre científico e popular considerando as mães participantes da pesquisa, no sentido do lugar que as mesmas ocupam na escola e fora da mesma. Assim, para falar em saberes populares retomo aos depoimentos das mães participantes da pesquisa, portanto aos apontamentos que foram sendo demonstrados na investigação acerca da utilização das ervas medicinais, das benzeções no tratamento com os recém-nascidos, do acreditar nas simpatias.

Ficou observado na investigação pelos relatos das progenitoras mães/professoras que as ações empreendidas de cuidados junto ao recém-nascido fazem uso de simpatias e que esses são saberes vivido pela experiência e compartilhado por gerações. *Aprendi com minha mãe... Minha avó ensinou assim...* As aprendizagens ocorreram nas famílias, mas, também entre grupos de mulheres... A vizinha, a comadre. Não foi citado na pesquisa nenhuma aprendizagem ou participação de homens na natureza da transmissão desses saberes, o que me leva a crer ser uma ação cultural do universo feminino. Essa manifestação cultural esta presente no grupo das mães/professoras pesquisadas.

Encerro dizendo que os saberes populares das progenitoras fazem parte de universo cultural que fundem a vida de mães e avós...Das mulheres, Compreendendo que as questões biológicas são importantes, que é preciso ter todo o cuidado com o bebê que vem ao mundo. Existe uma crença sobre dois aspectos cultural, um biológico a qual pode ser recorrido a tratamentos com ervas medicinais e outro aspecto que é algo sobrenatural e que neste caso, as benzeções e as simpatias associados a fé dão resultado. Temos respeito por esses saberes e crenças e mesmo não entendendo muita coisa as

impressões que aqui deixamos é a de que os saberes populares persistem e estão presentes neste grupo de progenitoras.

Outro ponto que trago nesta consideração final é a dualidade entre o conhecimento científico e o que é popular. O primeiro compreendido como algo legitimado por alguns espaços sociais como escolas, universidade, entre outros. Assim, aquilo que é científico muitas vezes é entendido como o certo, o único, o aceito. E o segundo, ou seja, o popular que se direciona para a desvalorização do que permeia a cotidianidade de muitos grupos culturais.

Trago esta discussão porque, há na pesquisa uma complexidade que não me é fácil de entender. O grupo de mães participantes da pesquisa são professoras da Educação Infantil, e quando estava junto às mesmas, apesar de já trabalhar com esse grupo de educadoras, não havia percebido o universo cultural que as mesmas compartilhavam. Isso me colocou a pensar na separação existente do que se tem nos estabelecimentos de ensino e do que se vive no mundo da vida. E aí, o que se tem compreendido sobre o que é científico e o que é popular, ou senso comum.

Nesta perspectiva, é importante que os saberes populares façam parte da formação dos professores, principalmente no curso de pedagogia, porque os professores precisam compreender que o saber cotidiano pode estar inserido nas instituições educativas, entender que esses saberes são parte da vida e portanto, parte também da escola. Essas culturas devem ser manifestadas em todos os espaços e é preciso que educadores assumam a postura da aprendizagem sempre, pois somos seres inacabados e a escola não pode ser um lugar rígido que separa o mundo da vida dentro dos seus muros. Assim, inacabados somos um ser em construção, pois, “ há sempre mais a saber, a amar e a fazer. O humano jamais acaba de tornar-se humano” (TROMBETTA e TROMBETTA In STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2010, p.221) e não podemos perder o mundo da vida, ou seja, o contexto da sua existência.

Não se pode deixar que a formação de professores/as seja desprovida de emoção. De acordo com Maturana (2002) isso deixa o ser humano antolho, sem visão, eu diria sem coração. Deixa-se de ver a relação existente entre razão e emoção. Pensar os saberes das mães/professoras no cuidado com os bebês não pode ser simplesmente pelo olhar da razão, mas é imprescindível o olhar da emoção, do amor. [...] nos declararmos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento

cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional (MATURANA, 2002, p.15).

Assim, volto a dizer que os saberes da cotidianidade precisam ser dialetizados e fazer parte também dos processos educativos escolarizados, como escolas e formação de professores para que haja uma compreensão contextualizada e respeitável do mundo da cultura, da vida.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO; C; E; de: *As relações de afetividade na educação infantil*. Porto Alegre: 2009. Disponível em: <http://peadalvorada09.pbworks.com/f/afetividade.pdf> . Acessado em: 12/07/2012.

ANTUNES, Celso. *Educação Infantil: Prioridade Imprescindível*. Vozes. 4ed. Petrópolis. 2006

BARBOSA, Maria Alves, SIQUEIRA, Maria Machado, BRASIL, Virginia Visconde, BEZERRA, Ana Lúcia Queiroz. *Crenças populares e recursos alternativos como práticas de saúde*. • Revista de Enfermagem UERJ 2004; 12:38-43. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v12n1/v12n1a06.pdf>. Acessado em: 12/07/2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos, 20).

CASSAB. Latif Antonia & RUSCHEINSKY. Aloísio. *Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral*. Biblos. Rio Grande, 2004.

CERVO, L. A.; BERVIAN, A.P.; DA SILVA,R. *Metodologia científica*. 6.ed São Paulo,2007

CHUDO; M; L: *Fundamentos Biológicos do Desenvolvimento Infantil*. Curitiba: IESDE. 2009

LARAIA, B,de,R. *Cultura um conceito antropológico*. 18 ed Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na educação e na Política*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MELLO, Luiz Gonzaga de *Antropologia cultural*. 12 ed. Petrópolis : Vozes, 1987.

PRADO, Ana Carolina. Pegar friagem provoca resfriado? Disponível em : <http://super.abril.com.br/saude/pegar-friagem-provoca-resfriado-693015.shtml>. Acessado em 25/03/2013.

RIOS, Dermival Ribeiro. Minidicionário escolar da língua portuguesa São Paulo: DCL 2010

ROCHA, Everaldo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: editora brasiliense, 1992.

SERPA, A & CLAVAL, P. *Espaços culturais : vivências, imaginações e representações* Salvador: EDUFBA, 2008. 426 p. ISBN 978-85-232-0538-6. Available from SciELO Books. Disponível em : www.Creasp.org.br/biblioteca. Acessado em: 21/11/2012

STRECK, Danilo.. REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TUCHINSKI; Carla Maria Fernandes. *Meio Ambiente e Cultura: a utilização das Plantas Mediciniais na Cidade de Juara MT*. Monografia do Curso de Pedagogia. Juara: UNEMAT, 2011.